



Eixo: Serviço Social, relações de exploração/opressão de gênero, raça/etnia, sexualidades

Sub-eixo: Sexualidades, identidades de gênero e direitos

## OS BANHEIROS COMO REAFIRMAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES DOS PAPEIS DE GÊNERO

RAFAEL FERNANDES ROCHA DAMASCENO<sup>1</sup>  
VANESSA LOPES DE ALMEIDA<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho traz a reflexão, em como os corpos masculinos e femininos se espacializam e utilizam os banheiros. E como estes corpos pela diferenciação de gênero vão ocupando seus referidos lugares, em decorrência de uma leitura simplesmente biológica – através da genitália. Para assim se poder pensar outras formas de utilizar o banheiro não só pelo gênero, mas pelas necessidades fisiológicas que cerca a todas e todos.

**Palavras-chave:** banheiros; espaço público; masculino e feminino.

**Abstract:** This work brings the reflection, in how the masculine and feminine bodies are spatialized and use the bathrooms. And how these bodies by the differentiation of gender occupy their referred places, as a result a simply biological reading – through the genitália. So that we can think of other ways to use the bathroom not only by the gender, but by the physiological needs that surround.

**Keyword:** bathrooms; public space; male and female.

### INTRODUÇÃO

Cada vez mais no cenário atual, se aprofundam as polêmicas decorrentes das identidades de gênero, sendo uma delas a que se expressa simbolicamente através dos banheiros públicos, ainda hoje classificados como banheiros masculinos e banheiros femininos. Compreender essa separação como forma de adequação de corpos, é também compreender brevemente como os banheiros estruturam as relações entre ser homem e ser mulher socialmente, pois todos aqueles que fogem dos padrões determinados segundo seu gênero, acabam não tendo a possibilidade de satisfazer suas necessidades fisiológicas, devido às opressões e violências de diversas formas que este corpo sofre.

O corpo não é um dado passivo sobre o qual atua o biopoder, mas mais exatamente a potência mesma que torna possível a incorporação prostética dos gêneros. A sexopolítica não é apenas um lugar de poder, mas, sobretudo o espaço de uma criação onde se sucedem e se justapõem... (PRECIADO, pág. 14, 2011)

<sup>1</sup> Profissional de Serviço Social. Universidade Santo Amaro.

<sup>2</sup> Professor com formação em Serviço Social. Universidade Santo Amaro. E-mail: <van.lopes@uol.com.br>

Ao longo deste trabalho, pretendemos refletir sobre gênero, e como seus papéis vão construindo corpos, utilizando como exemplo a compreensão de como o simples uso de um banheiro, delimita e estreita possibilidades de corpos que fogem do padrão.

A ideia é pensar cada vez mais como podemos compartilhar de vivências, que não segreguem os universos separadamente em feminino e masculino. Por mais que exista uma retórica de que por especificidades biológicas, deveria se manter a separação - obviamente não abordaremos a questão biológica, por ser a ciência que ao longo da história, patologizou os corpos, reduzindo apenas e sempre a questões genitais. De um discurso de sexualidade e práticas de vivências que acaba colaborando com a normativa de gênero nos corpos respectivos, alavancando proposições de relação de construção com a própria sexualidade.

É importante também compreender, como se estrutura geralmente o banheiro masculino e o banheiro feminino, devido à sua acessibilidade estrutural - onde se pode encontrar mictórios em banheiros masculinos (por estar ligada à praticidade – sendo esta “praticidade” construída culturalmente, para atender as necessidades que não estão ligadas à defecação, simplesmente ao ato da urina – tratada dentro do plano masculino, na privacidade absoluta sem interconexão com a analidade), diferente por exemplo nos banheiros femininos, onde essa acessibilidade nunca escapa de espaços sem porta e a privacidade com relação à urina e a defecação, sempre se dá no plano privado.

Pensar a discussão dos papéis de gênero numa dinâmica que até então parece estar bem estruturada - que são os usos sociais e individuais dos banheiros - nos remete a colocar numa dinâmica atual, na qual existem cada vez mais uma pluralidade de manifestações de orientação afetivo-sexual e identidades de gênero, que vêm provocando outras formas de se refletir o costume de como, por exemplo, o simples fato de ter que entrar em um banheiro. Compreendendo “a conceituação de gênero, enquanto possibilidade de entender processos de construção/reconstrução das práticas das relações sociais, que homens e mulheres desenvolvem/vivenciam no social” (GUEDES, 1995, p.4 apud Bandeira e Oliveira, 1990, p.8).

Também vale salientar que o banheiro está situado em espaço público (pontuando que existe uma divisão de corpos que ocupam os espaços públicos, e

sendo que quando se trata de corpos que fogem da (cis) heteronormatividade<sup>3</sup>, são estes os primeiros corpos em que se nega a possibilidade de acesso).

Discorrer essa dinâmica é poder compreender como algumas instituições vão dizendo cotidianamente quem é mulher e quem é homem para assim poder ocupar seu espaço que está predestinado, não cabendo outras possibilidades de interação entre masculino e feminino.

## 1. PENSANDO OS BANHEIROS

Pensando na perspectiva de que os banheiros separam entre o masculino e o feminino, necessita-se pensar o que é gênero, e como existe toda uma estrutura de relações diferentes que prioriza e privilegia mais alguns corpos em detrimento de outros. BUTLER (p. 26, 2016) enfatiza que “gênero é o significado cultural assumido pelo corpo sexuado” significados culturais este que ao longo do desenvolvimento de um corpo que biologicamente nasce com órgão sexual masculino e/ou feminino vai sendo inscrito culturalmente e normatizando comportamentos que demarcam cada gênero e o seu plano de ocupação na sociedade.

Quando se problematiza as questões de gênero, se problematiza em como esses corpos são culturalmente colocados em relações de poder (FOUCAULT, 2012), se diferenciando entre si e criando códigos de comportamentos que vão delimitando o que cada gênero – masculino e feminino – deve exercer em sua dinâmica social. Percebemos que desde quando nascemos existe uma “preocupação” em decorrência do sexo do bebê, isto é, quando descobrir o sexo, se planejar a vida dessa criança a partir do momento em que o ultrassom revela o seu sexo biológico.

Posteriormente a isto, as crianças do sexo masculino vão se ocupando dos espaços públicos como – carros, aviões, urinar na rua, brigas, e etc. – e as crianças do sexo feminino vão ocupando espaços privados como – casa, brinquedos que estão relacionados ao cotidiano privado, fogão, objetos de cozinha, a relação com bonecas, comida, afeto e etc. Criando segundo PRECIADO, (p. 9, 2017):

---

<sup>3</sup> Por heteronormatividade “entendem-se as instituições, estruturas de compreensão e orientações práticas que fazem não apenas com que a heterossexualidade parece coerente – ou seja, organizada como sexualidade – mas também a privilegia.” GARCIA, 2017, p, 19.

organizando “um novo tipo de realidade... desenhado a forma que os mecanismos de poder tomam quando se espacializam”.

Isso vem até mesmo na hora em que os (as) pais/mães quando descobrem o sexo biológico da criança, aonde se cria todo um futuro baseado na notícia da criança ser menino ou menina, sempre discorrendo que esse futuro são perspectivas diferentes, geralmente para os meninos abarcam profissões que exigem movimento e contato com espaços públicos, como engenheiros, advogados, jogador de futebol, que mexam com transporte e etc. Quando se pensa nas meninas, sempre se remete a espaços privados, sem perspectiva com o público, domesticando esse corpo.

Outro ponto a ser evidenciado é a construção da sexualidade que se conecta com a genitalidade, reduzindo corpos apenas em ter um pênis ou uma vagina. Compreendemos que sexualidade envolve toda a dinâmica dos corpos, perpassando inclusive a espera social, em como expressamos cotidianamente essa sexualidade que se reduz apenas nesse discurso binário entre se expressar masculinamente ou femininamente, não criando outras formas não binárias de expressão da sexualidade. Compreende-se também como um espaço apenas reducionista do discurso em caracterizar e dimensionar a pessoa apenas pela sua genitalidade.

Concomitantemente a isto, quando se discute a genitalidade, se faz necessário abarcar e discutir a questão dos banheiros femininos e masculinos<sup>4</sup>, como uma forma de expressão de gênero, em que esse discurso é aplicado numa prática social, separando banheiros em masculinos e femininos. Preciado nos explicita:

No século XX, os sanitários viraram autênticas células públicas de inspeção em que se avalia a adequação de cada corpo nos códigos vigentes da masculinidade e da feminilidade. Na porta de cada sanitário, como único signo, uma interpelação de gênero: masculino ou feminino, damas ou cavalheiros, chapéu masculino ou chapéu feminino, bigode ou rosto liso,

como se tivesse que entrar ao banho e refazer-se o gênero mais que desfazer-se da urina ou da merda. Não se pergunta se vamos cagar ou mijar, se temos ou não diarreia, nada interessa, nem a cor nem o tamanho. A única coisa que importa é o GÊNERO.(PRECIADO, 2018)

---

<sup>4</sup> O que caracteriza o espaço público na modernidade ocidental é ser um espaço de produção de masculinidade heterossexual. [...] o espaço público se caracteriza simultaneamente pela exclusão da feminilidade e da homossexualidade.”. (PRECIADO, 2017, pág. 13)

A relação social da genitalidade quando se estende para os espaços que são os banheiros provoca movimentos onde existe uma fiscalização desses corpos que podem acessar esse espaço a partir de sua própria genitália.

Essa fiscalização acontece cotidianamente sobre os corpos. Existe uma vigilância dos corpos, controle dos corpos, como Foucault (1988), ao longo de sua obra vai exemplificando como as instituições são formas de controle desses corpos.

Pensar os banheiros como espaços de controle dos corpos, nos faz pensar em como se institucionalizou – e se institucionaliza – as nossas necessidades biológicas. Concretamente o espaço do banheiro feminino e masculino em sua “estrutura arquitetônica” difere entre si, em decorrência de um discurso biologizante que cria o mictório como espaço previsto para o homem e os vasos sanitários como espaço feminino – consequentemente quando estes (homens) vão urinar, visto que para a defecação ambos utilizam do vaso sanitário. Preciado comenta:

Para Deleuze, a cartografia, relacionada simultaneamente com o mapa e com o diagrama, desenha a forma que os mecanismos de poder tomam quando se espacializam (como no caso do Panóptico de Bentham e do poder disciplinar descrito por Foucault. (PRECIADO, 2017, pág. 09).

Essa espacialização se dá concretamente quando a partir da leitura de corpos, segmentado por genitália, se designam espaços que vai determinar de que gênero você é.

Quando pontuamos a questão dos controles dos corpos, podemos pensar o quanto se estende genericamente para o ato sexual, onde publicamente esse homem e essa mulher não poderiam compartilhar do mesmo espaço, pois se acredita que o homem “não seguraria seus desejos”, podendo ocorrer algum tipo de violência sexual nestes espaços. Mas vejamos, o quanto esse discurso para ambos os corpos, é perigoso, tornando essa separação como uma justificativa para homem – animal, violento, não seguro os desejos – e a mulher – que “provoca”, “vulnerável”, “indefesa<sup>5</sup>” 4 e etc., colocando essa mulher em um estado de vulnerabilidade diante desse “homem”, ou seja, como é socialmente aceito o discurso de que o homem pode

---

<sup>5</sup> Claro que aqui estamos pensando em como na cultura do senso comum, se estruturam as diferentes formas de ser homem e mulher, estando sempre refletido culturalmente a posição “superior” do homem, e a “inferioridade” da mulher.

## 2. DEFININDO CONCEITOS

Poder definir alguns conceitos, nos ajuda a compreender como a dinâmica da sexualidade e sua linguagem vão construindo esse corpo que de antemão definimos como masculino e feminino.

Concomitantemente a isso, compreende-se sexo como a “diferença anatômica entre homens e mulheres, a corpos marcadamente diferenciados e ao que nos divide e não ao que nos une” (WEEKS, 2000, p. 28).

E sexualidade “como uma descrição geral para a série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas que se relacionam” (WEEKS, 2000, p. 8).

Pontua-se essa distinção para uma leitura desse corpo que ocupa os espaços, o quanto essa diferenciação traz dinâmicas de enxergar esse sujeito, sob diversos prismas.

## 3. ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE

Quando pensamos em espaço, podemos recorrer a diversas ciências que nos conecta com seus respectivos campos de visão que vai desde a arquitetura, geologia, engenharia, sociologia, psicologia e etc., cada campo tenta ver a sua maneira a (co) relação com esses espaços. Propomos aqui, refletir espaço como uma temporalidade onde corpos transitam e se relacionam. Consequentemente, problematizamos que dentro de uma estrutura heteronormativa, quem ocupa esses espaços – entendendo aqui a relação entre espaços públicos ocupados por homens e espaços privados por mulheres<sup>2</sup> – e que quando os banheiros, pensamos também como espaços divididos a partir de uma leitura de sexo, e como esse espaço produz e retifica o que é ser homem e o que é ser mulher. Preciado continua na reflexão:

No final das contas, trata-se, portanto, de pensar a arquitetura, o deslocamento e a espacialização do poder como tecnologias de produção da subjetividade. Desse modo, o importante não são somente os programas e a organização espacial específica do que ele chamará de “arquiteturas de aprisionamento” – a prisão, o hospital, o quartel e o acampamento militar, a fábrica ou o espaço doméstico – mas sim a capacidade que essas possuem para funcionar com autênticos exoesqueletos da alma. Desse modo, Foucault nos convida pela primeira vez a pensar a arquitetura e as estruturas de espacialização (o muro, a janela, a porta, o *peep-hole*, o armário, os mictórios, a distribuição vertical ou horizontal de projetos de plantas etc.), e também nos faz refletir sobre a temporalização que elas sugerem (fluidez ou retenção da circulação, organização rítmica da ação,

disposição sequencial da visibilidade-invisibilidade etc.) como órtese-política, sendo dispositivos duros e externos, de produção de subjetividades. (PRECIADO, p. 11, 2017)

Alguns pontos devem ser elencados dentro dessa discussão:

1) Espaços como produção de subjetividades:

Todo espaço produz e interfere na dinâmica que nos relacionamos com ele, e concomitantemente interfere também através dos códigos sociais, na forma como lidamos com o nosso ser homem e mulher;

2) Arquiteturas de aprisionamento:

Todo espaço na perspectiva de Preciado, correlacionando-se com Foucault, nos faz compreender estes lugares que além de interferir na dinâmica dos corpos, também causa aprisionamento, impedindo sua locomoção, ou ao menos de alguns corpos, como já apontado acima;

3) estruturas de espacialização

Todas as dimensões desse corpo masculino/feminino, permeado pela anatomia, fisiologia e sexual, “invade” esses espaços, não meramente com um pênis e uma vagina, mas sim um corpo que é constituído por vários atravessamentos que na hora de utilizar para alguma necessidade fisiológica, ele e ela carregam toda a inscrição do gênero e do corpo.

#### **4. RELATO DE CASO**

Para compreendermos em como os banheiros são espaços de reforçamento de gênero e de seus papéis, numa supervisão coletiva de uma instituição na qual trabalhava, ocorreu a exposição desse relato de caso.

Um senhor com cerca de 60 anos foi passear com sua neta – com idade próxima aos 4 anos, num shopping da região sul da cidade de São Paulo. Num determinado momento o senhor precisou ir ao banheiro e se viu numa encruzilhada, pois não sabia onde deixar a criança. O mesmo ficou em dúvida, pois se deixasse a criança com alguém, ainda que fosse uma mulher, esta poderia sequestrar sua neta, tendo em vista que não cogitou a possibilidade de deixá-la sob os cuidados de um homem, por não atribuir tal função à figura masculina. Também não considerou como uma alternativa viável deixar a neta esperando fora do banheiro, pois ela ficaria vulnerável a situações de perda e rapto. O senhor

decidiu entrar com a menina no banheiro masculino. (Quando entrou percebeu que não havia nenhum outro homem no espaço, e decidiu entrar com sua neta na cabine para não deixá-la sozinha). De forma a preservar sua intimidade, optou por urinar sentado, colocando a criança de costas para ele, enquanto conversavam. Nesse ínterim, outros homens entraram no banheiro e ao ouvirem a voz da criança, chamaram imediatamente a polícia alegando situação de violência sexual dentro do banheiro. Avô e neta foram conduzidos até o distrito policial, onde foram ouvidos e posteriormente liberados.

No caso acima, algumas questões que nos traz a reflexão. Como por exemplo, a questão do homem que vai ao shopping com alguma criança e não tem espaço nessas horas para se organizar, devido à imagem de que homens não vão ao banheiro com as crianças, ficando a cargo apenas das mulheres. E isso nos remete também o quanto qualquer relação de cuidado, sempre perpassa para o feminino. Depois podemos pensar o quanto o banheiro masculino nesse caso citado, e todos em geral, não possuem um espaço para crianças, como por exemplo, o pai que quer trocar a fralda de seu filho, como faz? E outra ideia que perpassa é o estranhamento dos outros homens em ver uma criança como se a prática ao cuidado estivesse sempre relacionada com o feminino.

Evidencia-se ao longo dessa reflexão, o quanto os espaços dos banheiros além de normatizar os corpos, estereotipam comportamentos e vivências que estão segregados entre o masculino e o feminino, onde esses dois “mundos” não podem se convergir.

Duas lógicas opostas dominam o banheiro das moças e rapazes. Enquanto o banheiro das moças é a reprodução de um espaço doméstico, em meio ao espaço público, os banheiros de rapazes são umas pregas do espaço público em que se intensificam as leis de visibilidade e posição ereta que tradicionalmente definiam o espaço público como espaço de masculinidade. Enquanto o banheiro das moças opera como um mini-panopticon em que as mulheres vigiam coletivamente seu grau de feminilidade heterossexual em que todo avanço sexual resulta uma agressão masculina, os banheiros dos rapazes aparecem como um terreno propício para a experimentação sexual. Em nossa paisagem urbana, o banheiro de rapazes, resto quase-arqueológico de uma época de masculinismo mítico em que o espaço público era privilégio dos homens, resulta ser, junto com os clubes automobilísticos, esportivos ou de caça, e certos bordéis, um dos redutos públicos em que os homens podem utilizar-se de jogos de cumplicidade sexual sob a aparência de rituais de masculinidade.(PRECIADO, 2018)

Conseqüentemente, estes espaços acabam por “contribuir” na formação e socialização de homens e mulheres quando vão ao banheiro. Sendo estes espaços, pensado na lógica também da auto-vigilância, onde aqueles corpos que fogem de um

estereótipo e estética de gênero que envolve o masculino e o feminino são reprimidos e/ou negligenciados na sua locomoção.

Pode-se pensar em algumas formas de amenizar esses conflitos que o simples ato de usar um banheiro causa principalmente nas pessoas que não estão inseridas numa ótica da (cis) heteronormatividade. Como tem acontecido em alguns espaços onde os banheiros são coletivos, trabalhando o cuidado com o ambiente, sempre pensando que o outro que entrará também cuidará desse espaço. Há alguns que pensam também no terceiro banheiro, para as pessoas que não se enquadram na dinâmica de gênero binário – masculino e feminino. Sempre com o objetivo de ir desestruturando cada vez mais, a forma como foi pensado os banheiros, e a forma como lidamos com as necessidades básicas.

## **5. ESPAÇOS DE VIGILÂNCIA**

Com tudo o que foi apresentado e discutido até o presente momento, pensar os banheiros como espaços de vigilância dos corpos e dos gêneros, se faz elucidativo quando se apresenta o caso em tela, onde existe o olhar sobre os corpos, e seus comportamentos e suas punições respectivas, aos corpos generificados. Como nos explicita Souza e Menezes (pág. 24, 2010):

“Para Foucault (2005), a punição e a vigilância são mecanismos de poder utilizados para docilizar e adestrar as pessoas para que essas se adéquem às normas estabelecidas nas instituições. A vigilância é uma tecnologia de poder que incide sobre os corpos dos indivíduos, controlando seus gestos, suas atividades, sua aprendizagem, sua vida cotidiana.”

A vigilância para Foucault, segundo os autores é uma tecnologia de poder que perpassa os corpos, sendo os espaços como os banheiros, um mecanismo de controle dos gêneros. Quando identificamos que existem banheiros masculinos e banheiros femininos, se pressupõe uma performance e estereótipo do que seja de fato uma pessoa “masculina” e uma pessoa “feminina”, enquadrando esses corpos nos respectivos papéis de gênero. Concomitantemente a isto, os corpos que fogem dos padrões da normatividade dos gêneros, além de serem impossibilitados de poder utilizar desses espaços, acabam se tornando também, espaços que são provocados situações de violências, como uma forma de adequar esses corpos nos padrões. “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado.” (SOUZA e MENEZES, 2010, pág. 25 apud FOUCAULT, 2005, pág. 118).

Esse aperfeiçoamento, essa transformação, essa violência, vai fazendo com que cada vez mais as pessoas que transgridem essas normas, além de serem vigiados, são punidos e cobrados socialmente por esses comportamentos ditos desviantes. Tornando os espaços dos banheiros como espaços de controle e expressão de pequenas violências exercidas a favor da ordem normativa de gênero.

Como SOUSA e MENEZES (pág. 33, 2010), ao analisarem a obra de Foucault, em *Vigiar e Punir*, pontua:

“Na sociedade de controle Foucault define duas formas de poder: o poder disciplinar, que se aplica ao corpo por meio das técnicas de vigilância e das instituições punitivas; e o poder ao qual ele denomina de biopoder, que se exerce sobre a população. O conceito de biopoder proposto pelo autor trata-se do poder sobre a vida, constituído no poder empregado para controlar os corpos individuais e a população.”

Ambas as formas de poder elucidadas pelos autores, atingem os corpos, e de forma “privada”, os banheiros se torna uma espaço – instituição de controle e vigilâncias desses corpos. Que tentam simbolicamente dominar até nossas necessidades fisiológicas, nesses pequenos espaços de poder. E o quanto cada vez mais, o discurso da heteronormatividade vai se tornando legítimo, os espaços separados cada vez mais em masculino e feminino, como se houvesse e ou existisse um abismo entre as relações entre homens e mulheres. Legitimando assim, as relações de poder e hierarquia entre os corpos.

## 6. CONCLUSÃO

Discutir gênero é um desafio, as formas de violência são veladas, e por vezes institucionalizadas. A violência de forma ampla é onipresente, aparece na mídia, revela discursos conservadores, e muitas vezes mascara classe, raça e também etnia.

O termo violência, do latim, *violentia*, expressa o ato de violar outrem ou de se violar. O termo parece indicar algo fora do estado natural, algo ligado à força, ao ímpeto, ao comportamento que produz danos físicos tais como: ferimentos, tortura, morte ou danos psíquicos, que produz humilhações, ameaças, ofensas.

No âmbito jurídico, a violência contradiz à liberdade e à vontade de alguém. Os conceitos de violência variam no tempo e no espaço, segundo os padrões culturais de cada grupo ou época, mas de forma alguma podem se limitar ao campo da moral. Se a violência é uma imposição de força e violação de direito é portanto, crime.

Ao longo da história a violência contra a mulher ditou regras, restringiu liberdade, cerceou direitos individuais, ferindo o princípio da igualdade manifesto na Constituição Federal de 1988. Não é diferente para trans e travestis que buscam espaço de pertencimento, identificação seja no uso do banheiro ou no direito ao nome social.

O termo violência atualmente está na ordem do dia. Está nas ruas e na internet. O senso comum refere-se a ele de modo simplificado e parcial. Mas é preciso examinar as condições de seu uso. A linguagem usada para falar da violência pode estar revestida de pressupostos ideológicos. O conceito de violência é tão amplo que dificilmente as classificações abrangem todas as formas.

A tipologia de violência pode ser útil para visualizar suas modalidades. Entre as formas de violência, é possível mencionar a violência provocada e a gratuita, a real e a simbólica, a sistemática e a não sistemática, a objetiva e a subjetiva, a legitimada e a ilegítimada, a permanente e a transitória. A violência se manifesta mesmo no uso corriqueiro de espaços como os banheiros.

É importante se criar um movimento de respeito aos corpos, e como esses corpos se sentem nesses espaços. Ou dando a liberdade de escolha para cada pessoa, em como se sentem bem em entrar em determinados banheiros, ou criamos

banheiros coletivos nesses espaços públicos, como uma forma também de criarmos uma cultura do auto cuidado com esses espaços e com o corpo do outro.

As configurações estéticas dos banheiros – como já foi citado anteriormente – demonstra o enquadramento das necessidades, normatizadas pelo cotidiano dos espaços públicos. Esse enquadramento como os mictórios, que através desse artefato, justifica a necessidade “prática” de urinar vindo do homem que tem pênis – sim, há mulheres de pênis, mas não abordaremos aqui, visto que não estamos discutindo a questão da transsexualidade – onde se estende para as relações sociais, onde os homens, com essa justificativa podem urinar publicamente, e as mulheres devem “segurar” para urinar nos espaços privados. Tratamos também a questão da urina e evacuação na mesma dinâmica quando se fala do feminino, quando se coloca a questão masculina, nestes espaços, existe outro espaço para o homem lidar com sua analidade, separando essas necessidades.

Propõem-se cada vez mais, na atualidade, espaços onde corpos masculinos e corpos femininos possam transitar utilizar e compartilhar os banheiros para ambos satisfazerem suas necessidades fisiológicas.

Começando assim, pelos banheiros, a busca pela equidade de gênero, onde neste espaço se respeitem as diferenças e necessidades de cada corpo, fazendo com que cada um possa utilizar conforme se sintam confortáveis. Ou que se crie espaços únicos apenas banheiros para que todos possam transitar, usar conforme suas necessidades.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Feminismo e Subversão da Identidade. 12 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1**. A Vontade de Saber. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

GARCIA, Carla Cristina (Org.). **O rosa e o azul e as mil cores do arco-íris: gêneros, corpos e sexualidades na formação docente**. São Paulo: Annablume, 2017.

GUEDES, M. E. F. Gênero, o que é isso? **Psicol. Cienc. Prof.**, Brasília, v. 15 n. 1-3, 1995.

LOURO, Guacira L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2 (56), maio/ago. 2008.

LOURO, Guacira L. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte, 2000.

PRECIADO, Paul B. "Cartografias 'Queer': O 'Flâneur' Perverso. A Lésbica Topofóbica e A Puta Multicartográfica, Ou Como Fazer uma Cartografia 'Zorra' com Annie Sprinkle". **Revista Performatus**, Inhumas, ano 5, n. 17, p. 2316-8102, jan. 2017.

PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n.1, p.11-20, jan./abr. 2011.

PRECIADO, Beatriz. **Sujeira e gênero**: mijar/cagar, masculino/feminino. Disponível em:<http://www.myspace.com/doiscovcdevesermesmoocara!rpos/blog/276091123>  
Acesso em: 11 mai. 2018.

SOUSA, Noelma Cavalcante de; MENEZES, Antonio Basílio Novaes Thomaz de. O Poder Disciplinar. Uma Leitura em Vigiar e Punir. **Saberes**, Natal, v. 1, n. 4, jun. 2010.